

I

UM PRINCÍPIO NAS CALMAS

Levar uma pancada na cabeça não é nada. Ser drogado duas vezes seguidas na mesma noite é desagradável mas vá lá... Mas sair para apanhar ar e acordar num quarto desconhecido com uma mulher, os dois com a roupa de Adão e Eva, isso é que já é um bocado forte de mais. Quanto ao que me aconteceu a seguir...

Mas acho que o melhor é pegar já no princípio da primeira noite. Uma noite de Verão, diga-se. A data exacta pouco importa.

Bem, não sei porque é que me apetecia sair nessa noite. Geralmente, prefiro deitar-me e levantar-me cedo, mas há certos dias em que a gente sente falta de um pouco de álcool, de um pouco de calor humano, de companhia. Devo ser um sentimental. Ninguém diria isso ao ver-me, mas as protuberâncias dos meus músculos são as aparências ilusórias debaixo das quais disfarço o meu coraçãozinho de Gata Borralheira. Gosto muito de amigos. Gosto muito de amigas. Nunca me faltaram, nem uns nem outras, e de tempos a tempos agradeço intimamente aos meus pais o físico que me deram; há os que agradecem a Deus, bem sei... Mas, aqui para nós, acho que esses estão a meter Deus em histórias para onde ele afinal não é chamado. Seja como for, a minha mãe fez obra asseada...

e o meu pai também, porque, no fim de contas, ele também meteu aqui a sua colherada.

Apetecia-me sair e saí. É uma vantagem inegável a gente escolher uns pais bem abonados. Saí; estava todo o grupo à minha espera no Zooty Slammer. O Gary Kilian, repórter do Call, o Clark Lacy, um colega da Universidade que, como eu, vivia perto de Los Angeles, e as nossas companheiras habituais; não daquelas raparigas que todos os tipos se julgam obrigados a arrastar atrás de si quando têm algum dinheiro, não daquelas cantoras que se colam à gente, não daquelas bailarinas excessivamente experientes. Não gosto dessas: estão sempre a esfregar-se em nós. Garotas dessas não. Nada disso. Amigas, a sério... Nem figurantes à procura de contrato, nem ingénuas a puxar para o feio: apenas, e simplesmente, raparigas agradáveis e simpáticas. Foi terrível a dificuldade que tive em encontrá-las. Lacy desencanta quantas quer e pode sair com elas dez noites a fio sem tentarem beijá-lo; eu nem por sombras lhes provoco o mesmo efeito, e é uma chatice a gente ter de repreender uma garota bonita que se nos atira para os braços. Mesmo assim, não gostava de ter as fuças de Lacy. Mas essa é outra história. No fim de contas, eu sabia que no Slammer iria encontrar a Beryl Reeves e a Mona Thaw e que com elas não corria risco algum... Voltando às outras, têm todas o ar de quem imagina que o amor é a finalidade da vida, sobretudo quando um homem pesa 90 quilos e mede seis pés e duas polegadas... Respondo-lhes sempre que, se estou nesta forma, é justamente porque me poupo. E que se elas tivessem de andar de um lado para o outro com a minha tonelagem de carne limpa ficariam tão cansadas que me deixariam em paz... Mas, realmente, a Beryl e a Mona não são assim, e sabem que uma vida higiénica é muito preferível a todas aquelas brincadeiras que não são novidade nenhuma e que se repetem nos sofás.

Entrei no Zooty Slammer. É uma casa simpática, dirigida pelo Lem Hamilton, um gordo pianista preto que

em tempos tocou na orquestra de Leatherbird. Conhece todos os músicos da Costa, e bem sabemos que os há na Califórnia. No Slammer, podemos ouvir música a sério. Gosto disso, descontraí... Como já sou naturalmente descontraído, é imensamente repousante. O Gary estava à minha espera, Lacy estava a dançar com a Mona e a Beryl agarrou-se-me ao pescoço...

— Boa noite, Mona — disse eu. — Nada de novo? Olá, Gary.

— Olá — disse-me Kilian.

Ele estava impecável, como sempre. Um bonito rapaz, moreno, de pele azulada. O seu «bow-tie» encarnado claro parecia engomado, de tal modo se aguentava direito. O que me agrada no Gary é o gosto que ele tem para se arranjar. Enfim, tem o mesmo gosto que eu, entenda-se.

A Mona estava a olhar para mim.

— Rocky — disse-me ela — é indecente. Você está cada dia mais bonito.

Com ela, isto não era embaraçoso. O tom era... como é que hei-de dizer?, suportável.

— Você é uma maravilha, Rocky. O seu cabelo loiro..., a sua pele cor-de-laranja... hummm... é de se comer.

Apesar de tudo, corei. Eu sou assim. O Gary estava a gozar comigo.

— Tu já nem protestas, Rocky. Noutros tempos, tinhas-te ido embora...

— Ela deu-me provas de inteligência mas, se continuar assim, é claro que me vou embora.

No entanto, ainda bem que Lacy não estava ali... Não gosto que as raparigas me gabem o físico, sobretudo à frente do Clark; é o melhor tipo que há no mundo, mas mesmo que me dissessem que o pai dele era um rato e a mãe uma rã, isso não me espantaria por aí além; é mesmo o que ele parece. O que lhe dificulta um bocado a corte às raparigas.

A Mona voltou à carga.

— Rocky, quando é que você se decide a confessar-me que me ama?

— Nunca, Mona... Não quero tornar infelizes milhões de mulheres.

Ela devia estar um pouco bebida, porque não era frequente insistir daquele modo. Felizmente, o Clark e a Beryl regressaram e mudou-se de assunto. Hamilton, o patrão da casa, acabava de se sentar ao piano. Como todos os gordos, tem uma maneira de tocar de uma leveza extraordinária, e eu ria de prazer a ouvi-lo. O Gary pôs-se a dançar com a Beryl e eu ia convidar a Mona quando Lacy se apoderou dela. Podia escolher qualquer rapariga; quando Hamilton começa a tocar, tem em mim o efeito de uma descarga eléctrica. Estava a olhar em redor um pouco ao acaso quando o meu salvador entrou. Aquele grande cretino do Douglas Thruck. Já lhes digo quem ele é, mas para já atiro-me à rapariga que vem com ele e levo-a para a pista.

Não é mal feita e dança bem... Não é brincadeira nenhuma... Lá começa ela a apertar um bocado de mais...

— Calma! — disse eu. — Tenho de cuidar da minha reputação.

É um pouco brutal o que acaba de me sair pela boca fora, mas com a minha cara tudo passa, como sabem. Ela abre um pequeno sorriso e só pensa no que tem na cabeça. E basta ver as manigâncias que faz com o esqueleto para não ser difícil perceber o que lhe vai por dentro da cachimónia.

— É pena não ser um samba — responde ela nada chocada.

Ri-se. O Gary também. E eu também. Somos compinchas.

— Ora essa — digo eu — acho que assim está bem.

— É que tinha mais atmosfera — respondeu ela. — Esta música, francamente, é um pouco fria.

Meninos, se é a isto que ela chama música fria, prefiro não dançar o samba com ela. Arre, tenho de fazer qualquer coisa. A verdade é que sou um bocadinho mais vigoroso do que ela e consigo afastá-la de mim. Continuo a

dançar segurando-a de longe. Não se pode consagrar a vida ao desporto e dançar com bonecas como esta. São coisas que não se conciliam. E eu é ao desporto que dou importância. Acima de tudo.

Ela morde um bocadinho o lábio inferior, mas apesar de tudo sorri. É impossível humilhá-la. Um destes dias hei-de colar à cara um bigode falso para poder dançar em paz.

Hamilton pára de tocar. Devolvo a rapariga ao seu legítimo proprietário, o Douglas Thruck. Vale a pena apresentar este Douglas com algum pormenor. É um rapaz alto, de cabelo loiro e ondulado, com uma boca que parece a dobrar, e sempre a rir. É muito novo, bebe como uma esponja e é vagamente jornalista. Escreve uma coluna num jornal de cinema e nos momentos de ócio vai trabalhando na grande obra da sua vida, uma Estética do cinema para a qual prevê dez volumes e dez anos de trabalho. Fuma charuto. Fora isso, é uma verdadeira esponja, repito.

— Olá! — diz-me ele. — Queres que te apresente?

— Claro!

— É o Rock Bailey — explica ele à linda morena que era contra os meus sentimentos. — A Sunday Love — diz-me ele apontando para ela. — Uma esperança da «Metro».

— Muito prazer.

Inclino-me educadamente e aperto-lhe a mão. Ela ri-se. É simpática, no fim de contas. Uma esperança da «Metro». Meu Deus, se eu fosse a «Metro» não hesitava em amarrar algumas esperanças a esta rapariguinha; tudo parece perfeitamente coerente.

— Ela tem um fraquinho por mim — diz o Douglas Thruck com o seu tacto habitual.

Verdade se diga que nada tenho a invejar-lhe em matéria de falta de delicadeza, mas apesar de tudo... Resolvi pô-lo no seu lugar.

— Isso disse-te ela para se ver livre de ti.

— Adivinhou — diz a Sunday Love.